



ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: AS MARCAS LINGUÍSTICAS NO DISCURSO DO MIGRANTE¹

Luci Schmoeller²

Resumo: *A modernidade empurrou o sujeito do campo para o interior das cidades em busca de uma vida melhor. O sujeito que migra experimenta novas relações com o lugar de origem e com o lugar para onde vai. Este trabalho propôs-se a discutir o descentramento da identidade, que é próprio do sujeito moderno e sua relação com o lugar, através da análise descritiva das marcas linguísticas presentes no discurso. O que será apresentado é resultado da entrevista com uma migrante do campo, radicada, atraída pela crescente oferta de empregos devido à industrialização da cidade. O método utilizado foi o da Análise do Discurso (AD). Os resultados desta pesquisa evidenciaram um sujeito que ressignifica o lugar e se autorresignifica, ao mapear suas experiências de vida na cidade e no campo. que pouco distancia o sujeito da divulgação da simples reprodução do que encontra.*

Palavras-chave: Lugar. Modernidade. Linguagem. Migração. Autorreferenciação.

As adversidades do mundo moderno empurraram muitos homens do campo para longe de suas terras. À procura de uma vida melhor, saíram com seus filhos, uma bagagem, algum dinheiro no bolso, ou nenhum, em direção aos centros urbanos. Para trás, deixaram a segurança, seus costumes, seus vizinhos, seu lugar. Esta experiência certamente impôs uma profunda mudança no modo de ser desses homens do campo e no seu imaginário acerca do lugar ao qual pertencem. Num lugar diferente, com costumes diferentes, tornaram-se pessoas diferentes do que eram. Este trabalho faz parte dos estudos feitos para a dissertação de mestrado que foi buscar indícios dessa mudança no discurso desses migrantes³ para discutir o sentimento de deslocamento e de liquidez⁴ que a modernidade suscitou na identidade do sujeito moderno.

Sabemos que o homem está de alguma forma atrelado à terra, pois ninguém pode estar fora ou além da geografia, e que as mudanças sociais levaram o homem do campo a se fixar nos grandes centros urbanos. Se fôssemos distribuir os conceitos “rural” e “urbano” no espaço, eles se fixariam em dois extremos. O sujeito do campo também se situa em oposição ao homem da cidade, e vice-versa. Certamente, o sujeito migrante, na nova terra, modifica-se e, assim, modifica também o outro. Contudo, nosso foco será o homem do campo num contexto urbano.

¹ Este trabalho é resultado parcial da dissertação de mestrado em Filosofia da Linguagem pelo programa de pós-graduação em Linguística da UFSC.

² Doutoranda em Educação (UDESC), Mestre em Linguística (UFSC), professora de Língua Portuguesa.

³ O termo “migrante” é utilizado aqui para referir-se ao homem do campo que sai de sua terra e radica-se na cidade. A preferência por este termo deu-se devido à recorrência desta denominação nas leituras que fiz acerca do tema.

⁴ “O que todas as características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. (...) Os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la.” (BAUMAN, 2001, p. 9) O conceito “liquidez” foi utilizado por Bauman como metáfora para caracterizar a flexibilidade das relações e da identidade do homem moderno.



Stuart Hall, quando abordou a migração Caribenha para a Grã-Bretanha no pós-guerra, trouxe à tona a questão da migração como luz esclarecedora das complexidades que são a nação e a identidade numa era de globalização crescente. Trouxe como foco a relação de pertencimento dos migrantes com a terra de origem: “os assentamentos negros na Grã-Bretanha não são totalmente desligados de suas raízes no Caribe” (HALL, 2003, p. 26). Os migrantes, com suas histórias de vida, suas características, suas identidades, são modelos da liquidez da identidade, característica do panorama da modernidade. Estudar essas experiências é um importante passo para buscar descrições acerca de quem somos, tem uma dimensão filosófica que ultrapassa a perspectiva de fenômenos sociais, ajuda-nos a nos situar nos contextos das nossas relações.

Sendo assim, este trabalho teve como objetivo discutir o descentramento que é próprio do sujeito moderno, através da análise descritiva do discurso do sujeito migrante, identificando as marcas linguísticas que configuram a identidade do homem do campo inserido no contexto urbano e o descentramento da identidade experimentado pelo migrante. Para atingir o objetivo proposto, pautamo-nos nos métodos de análises utilizados pela Análise do Discurso (AD), que estuda a linguagem levando em consideração o sujeito e o contexto no qual está inserido. Interessou-nos, aqui, procurar indícios da identidade dos sujeitos que proferem seus discursos na linguagem que utilizam para falar de si.

A CONSTRUÇÃO DO SUPORTE TEÓRICO

No início do século XX, Saussure inovou os estudos sobre a linguagem, constituiu a língua como objeto da linguística. Apesar de afirmar o caráter social, coletivo da língua, suprime qualquer relação da língua com o mundo, o sujeito e relações entre sujeitos. Ao dicotomizar língua/fala, ele separa o aspecto abstrato da linguagem, isto é, o social, do concreto, ou seja, individual. Não se colocava a questão da subjetividade.

Emile Benveniste, considerado o representante principal da teoria da enunciação, trouxe ideias inovadoras para a linguística, como a suposição da articulação dos sujeitos e a estrutura da língua. Apesar de sua semântica ser pautada em princípios estruturais, apresentou meios de tratar a enunciação, baseados no homem na língua. Apresentou um modelo de análise da enunciação em que os interlocutores referem e co-referem na atribuição de sentido às palavras. Isso possibilita o entendimento da categoria de pessoa e dos conceitos de intersubjetividade, básicos em sua teoria.

Benveniste (1989) conceitua a enunciação como uma relação do locutor com a língua: o locutor se apropria da língua pondo-a em funcionamento. Ele trata a questão do sujeito - para ele o sujeito da enunciação - como uma questão linguística: a enunciação é uma relação do sujeito com a língua. O sujeito dela se apropria, pondo-a em funcionamento. Segundo ele, o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem, entendida a subjetividade como a capacidade do locutor para se propor como sujeito. O fundamento da subjetividade se determina pelo status linguístico da pessoa. Para o autor, “Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Isto é, a interação entre os sujeitos desenvolve a subjetividade pelo contraste com o outro.



Isso é sinal de que o fundamento da subjetividade está no exercício da linguagem. Os pronomes são uma das formas de revelar-se sujeito através da linguagem. Existem outras classes que têm o mesmo status. São os dêiticos: pronomes demonstrativos, advérbios, adjetivos, entre outros, que organizam, na linguagem, um referente capaz de “constituir” o sujeito perante outro sujeito.

Da mesma forma, a noção de tempo, tanto marcado pelos verbos ou por outras palavras, contribui para a subjetividade.

A temporalidade humana com todo o seu aparato linguístico revela a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem. [...] A linguagem de algum modo propõe formas ‘vazias’ das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua pessoa definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como tu. (BENVENISTE, 1995, p. 289)

Embora os estudos de Benveniste representassem um grande passo nos estudos da enunciação, ainda eram centrados numa subjetividade “ego-cêntrica”, “o sujeito de Benveniste é um eu que se caracteriza pela sua homogeneidade e enunciação e se constitui à medida que interage com um tu – opondo-se ambos à não-pessoa” (BRANDÃO, 1991, p. 49), isto é, a constituição do sujeito se dá mesmo quando não se enuncia um eu. Para Brandão, formas indeterminadas, encontradas, por exemplo, no discurso científico, objetivando-se a impessoalidade; a utilização do ele para referir-se a si mesmo no discurso dos esquizofrênicos, como apagamento da responsabilidade da enunciação, são exemplos de outra forma de enunciação que mascara o sujeito, mas é uma forma de constituição da subjetividade.

A partir do questionamento da concepção de sujeito enquanto ser único, central, origem e fonte de sentido, formulada inicialmente por Benveniste, surgiu a noção de sujeito ideológico: aquele que enuncia de um determinado lugar e de um determinado tempo, cuja fala faz emergir outras vozes. Bakhtin (2000) defende o dialogismo da linguagem como uma condição constitutiva do sentido. “O discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias” (BRANDÃO, 1991, p. 53). Ao analisar os mecanismos de enunciação de diversos textos literários, qualifica-os de polifônicos, uma vez que o autor utiliza “máscaras” diferentes que representam várias vozes a falar simultaneamente.

O conceito de subjetividade, então, estaria centrado num sujeito que se divide porque é uma parte de um todo que interage com outros discursos e outros sujeitos marcados histórico-socialmente, intersubjetivamente. “Em Bakhtin, o sujeito é uma autoconsciência que se constitui reflexivamente pelo reconhecimento do outro no discurso.” (FLORES e TEIXEIRA, 2005, p. 59). Bakhtin refere o sujeito como um dos elementos que marca a diferença entre a enunciação e a oração, através da perspectiva da historicidade.

Essa historicidade vai ser recuperada pela concepção de sujeito desenvolvida na Análise do Discurso (AD), numa relação dinâmica entre identidade e alteridade. Para a AD, o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. Ora, se a língua funciona na medida em que um indivíduo ocupa a posição de sujeito no acontecimento,



ela é constituída por ele e ele por ela. Portanto, é “quando o indivíduo se encontra interpelado como sujeito e se vê como identidade que a língua se põe em funcionamento” (GUIMARÃES, 1995, p. 70). “A língua cria identidade [...], a estrutura da sociedade está refletida na estrutura linguística” (ORLANDI, 1996, p. 98).

O termo identidade é cercado por uma imprecisão conceitual. O contexto social fornece condições para os mais variados modos e alternativas de identidade. “O EU, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social” (MAHEIRIE, 2002, p. 37). Portanto, o termo expressa, de certa forma, uma singularidade construída na relação com os outros e a subjetividade faz parte desse processo.

Além disso, a identidade está intrinsecamente relacionada ao sentimento de pertencimento a um grupo social. Através da identificação com outras pessoas que tenham origem e hábitos comuns é que nos formamos como indivíduos e galgamos um lugar na sociedade. No entanto, as diversas transformações que a sociedade vem sofrendo ao longo do último século estão tornando este pertencimento cada vez mais fluido. Alguns estudiosos acreditam que as identidades culturais, principalmente a que se refere à identidade nacional, estão sendo deslocadas por um complexo de processos e forças de mudança, que podem ser sintetizados sob o termo de “globalização”.

A questão da identidade está estreitamente ligada ao lugar ao qual o sujeito pertence. Identifica-se com os sujeitos que têm características comuns e opõe-se aos que têm características excludentes. O sujeito que migra para outra terra precisa encontrar um novo grupo com que se identificar e em que possa se apoiar, pois, conforme Said: “Nenhum de nós está fora ou além da geografia, da mesma forma nenhum de nós está fora ou totalmente ausente da luta pela geografia. Essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrangendo também ideias, formas, imagens e representações” (SAID, 1995, p. 37-38). No entanto, o sujeito não será o mesmo que era na terra natal, nem tampouco poderá se considerar integrado completamente à nova terra.

O instinto de sobrevivência leva o sujeito migrante a procurar essa nova identidade. Caso isso não aconteça poderá ser excluído socialmente, por não pertencer a nenhum grupo:

O significado da ‘identidade da subclasse’ é a ausência de identidade [...]. Outra categoria que está encontrando o mesmo destino são os refugiados – os Sem-Estado, os desterritorializados num mundo de soberania territorialmente assentada. Ao mesmo tempo que compartilham a situação da subclasse, eles, acima de todas as privações, têm negado o direito à presença física dentro de um território sob lei soberana (BAUMAN, 2005, p. 47).

Adaptar-se para conseguir ocupar um lugar na nova terra. Essa é a lei que inconscientemente leva o sujeito migrante a se modificar e procurar novos modos de vida, novas identidades.

Os conceitos de “campo e cidade” ou “rural e urbano” são antagônicos. Detêm em si mesmos o seu oposto. Queiroz (1978) afirma que existe uma dualidade do rural e do



urbano que exprime a existência de dois termos que, embora interagindo, são absolutamente irreduzíveis um ao outro. Associados a isto, Queiroz apresenta algumas considerações subjetivas: “o rural é conhecido como atrasado em sua evolução, em relação ao urbano, e sua influência sobre este é tida como sobrevivência tradicional; a penetração de elementos urbanos no campo – inovações – passa a ser imediatamente considerada como um avanço benéfico para este” (QUEIROZ, 1978, p. 25).

É possível verificar que o dicionário Houaiss ratifica essas mesmas considerações quando informa as seguintes acepções acerca do vocábulo urbano: “1. dotado de urbanidade; afável, civilizado, cortês 2. relativo ou pertencente à cidade, ou que lhe é próprio 3. que tem caráter de cidade 4. que ou o que vive na cidade, tem ocupação e hábitos típicos da vida da cidade 5. fig. Polido, fino. Antonímia de malvado, caipira, malcriado, tolo, abrutalhado, descortês, inurbano, rural, rústico.” (HOUAISS, 2001, p. 2809). Há considerações contrárias a estas em que o “rural” aparece como lugar de paz, contato com a natureza, tranquilidade; e o “urbano” aparece como símbolo do individualismo, solidão.

De certa forma, esses conceitos variam de acordo com o período histórico e o sujeito que o enuncia: um aristocrata, um operário, um trabalhador rural, um agroindustrial, um trabalhador sem-terra. Mais importante do que o que se diz sobre o campo e a cidade é saber quem diz e em que momento.

A CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Os dados desta pesquisa foram coletados através de entrevista aberta. A fala da migrante Matilde⁵ foi analisada à luz da análise do discurso da linha francesa - AD, considerando as condições de produção, a observação do uso da linguagem partindo do fragmentário, do múltiplo, do histórico-social, partindo do léxico e das marcas linguísticas que remetem à mudança na sua identidade e no seu sentimento de pertencimento, para mostrar um modelo do descentramento experimentado pelo sujeito moderno. “O sentido de um enunciado é a representação de sua enunciação, incluindo, necessariamente, uma representação das posições do sujeito da enunciação do enunciado”(ORLANDI, 1989, p. 35). A abordagem dos fatos linguísticos, ligados à questão de representação do sujeito do discurso, dá elementos para indicar especificidades do discurso do migrante em situação de contato.

QUANDO A LINGUAGEM REVELA O SENTIMENTO: AS MARCAS LINGUÍSTICAS NO DISCURSO

Por meio da linguagem, o sujeito exterioriza seu modo de ser e sua singularidade, pois todo sujeito é único e singular em seu tempo e em seu espaço, por sua história de vida. O sujeito não se manifesta somente pela fala, mas por materialidades que o

⁵ Pseudônimo.



cercam, seu modo de vida, sua maneira de andar, de se comportar à mesa, de se vestir, de dormir e “essas maneiras pertencem a um conjunto de pessoas e essas pessoas a uma dada sociedade” (SCHERER, 2003, p. 24). Assim, o olhar despendido sobre a entrevista também foi no sentido de explicitar as regularidades e irregularidades presentes no discurso que exteriorizem as posições do sujeito que se configura e reconfigura através da linguagem.

Uma das marcas que mais se destaca na entrevista é o uso do verbo sofrer. Este verbo sempre se apresenta no pretérito perfeito ou imperfeito. Observemos que, nos recortes (1)-(4), as marcações de lugar na roça, na lavoura estão associadas ao verbo sofrer e lutar, sempre se referindo ao passado:

(1) Meu Deus... muito, muito, **na lavoura e sofri**, tive, **eu** tive quatorze filho e dez no sítio. **Eu** tive dez filho no sítio...⁶

(2) **nós** trabalhava na farinha. Uma época **nós** fizemo seiscentos sacco de farinha. **Levamo** seis meses para consegui fazê, foi uma... dos meus filho, meus quatro filho mais velho **sofreram** muito **na roça**. Meu Deus... é muito filho pequeno né, **a gente** tinha quase dois filho de colo. Daí **a gente sofreu** muito né, daí depois que meus quatro filho ficaram, o mais velho com catorze anos que já ajudava ele na lavoura e depois veio o outro, os quatro mais velho, aí foram que ajudaram meu velho a construí a lavoura que senão não dava conta. Era todo ano um filho, né, e **sofria** muito, tadinho, **sofreu** muito **na roça**.⁷

(3) Meu Deus... meu Deus... olha **nós sofrimo, sofrimo** mesmo. Ainda bem que meu velho era um capitalista forte né, nossos engenhos era tudo com guasca, a água corria dentro dos tanque.⁸

(4) Ah, era assim é uma cachoeira do morro. Vinha a cachoeira do morro, daí nós botamo uma calha, depois vinha por uma mangueira e corria no tanque, no coxo, no tanque da mandioca, de lavar roupa. Aí facilitô mais pra mim, mas antes era lá... daí lavava roupa esfregando numa tábua. É, é, **hoje, hoje eu me sinto assim que tô na glória**. É, depois de velha que eu vi voltar a ser as coisas bem fácil de trabalhar. Mas... **na lavoura foi fogo**. **Eu** dava conta, e **eu** com quatro filhinho pequeno, de descascar mandioca pra seis sacco de farinha por dia. Mas **eu levantava duas horas da madrugada, com o cantar do galo, o galo cantava e nós levantava duas horas da madrugada**. E aí depois, chegava o romper do clarear o dia, faltava uns dois balaio pra terminar. **Eu** com quatro filho pequeno, pequeninho, assim, eles completavam quatro, cinco, seis anos já tavam com uma faquinha raspando mandioca. Aí depois o meu velho fez um troço assim de nós botá aquelas carrada de mandioca dentro dum, dum, ele fez um... um tipo de um paiol, uma coisa, e ele virava.. ele virava e raspava a mandioca, mas depois nós tinha que cortar as cepa. Ai guria, **nós sofremo**.⁹

Matilde, através do uso desses verbos no passado, atribui à vida na roça uma carga negativa de dor e sofrimento. A expressão “na lavoura foi fogo” (recorte (4)), corrobora essa conclusão. Matilde atribui o sofrimento a diversos sujeitos (sujeito gramatical): no recorte (1) é ela quem sofre; no recorte (2) são os filhos, o marido e o enunciador

⁶ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).

⁷ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).

⁸ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).

⁹ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).



coletivo a gente quem sofre; no recorte (3) e (4) é atribuído ao nós, também um enunciador coletivo. Além disso, em (4'), aparece a expressão tempo sofrido: o verbo sofrer é usado na forma nominal como adjetivo de tempo, esse tempo refere-se ao tempo da vida na roça.

(4') **Eu** queria uma... queria assim uma coisa pra mostrar pros meus filho agora o **tempo sofrido**. Por isso é que eu digo, **hoje, agora, eu fui pra Goiânia**. Então, meus filho me incentivaram muito. Aí meu filho mais velho disse assim: olha, mãe, quem viu o que **a mãe sofreu** foi nós quatro que vimo a mãe como **a mãe sofria**, então a mãe tem liberdade de ir agora e conhecer algum lugar porque eu nunca fui num restaurante, eu nunca fui a um baile, eu nunca fui a uma festa, só criando os filho. Hoje meus filho me abraçam, todos eles né, muito carinho, eles me deram força pra viajar porque **eu acho que eu mereço**, desde os meu dezessete ano, eu casei com meus dezessete ano, e já na... eu casei em agosto... não casei em julho e em novembro já tive o meu primeiro filho. Ai **foi uma luta...**¹⁰

(5) Ai nós resolvemos vir pra cá, sabe por quê? Porque naquela época a tupy buscava gente lá no sítio pra trabalhar e aí as nossas terra, nós tinha um lote de terra, e as nossas terra tavam já enfraquecida, já não dava mais lavoura como a gente.... né... e acabou... o arroz dava pouco. **Nós só lutava** mesmo com o feijão e a mandioca. E as outras... aí os filho cresceram e vieram pra cidade... **a cidade nova, né...** e aí a gente também não pôde também dar estudo pra eles, estudemo só uma filha e um filho nós estudemo. Hoje, nenhum é... o André tá com vinte anos e o Maurício também, mas os outros não tem nenhum que nós nunca pudemo dar estudo pra eles, **então hoje sofrem**. Tem quatro **filho ali de pedreiro sofrendo** também na mesma conta. **Que a família deles já tão sofrendo igual nós sofremo...** é servente de pedreiro que que vai dar. Não dar nada.... [...] E **nós** tinha muito gado.. e era muito trato né, muitas coisas... e era muita grotá, mas só que meu velho **lutou** porque ele é um capitalista com muita lavoura, ele fazia, tinha engenho de cana, também trabalhava com cana, melado, aí foi disso que nós **sobrevivemo**. Esses tempo eu fui fazê um tratamento ali no Torres dos nervo, ele disse, querida, como é que tu pôde criar os teus filho. Eu digo, olha Torres, eu criei meus filho com leite, com coisas gostosa, e as batata o aipim, muita rosca, a gente fazia rosca, fazia biju, fazia tapioca. Meu Deus, assim, muito leite, né, hoje em dia, tão criando essas criança com essas coisas, né. Mas no meu tempo, meus filho era tudo forte... graças a Deus... aí uma vez o meu velho foi cortou o pé, quase botou o último sangue, aí tinha um farmacêutico lá, aí acudiu ele. Teve um dia, a cobra mordeu o meu filho mais velho, quase que ele teve entre a vida e a morte, eu grávida, e não podia tratar dele porque a picada de cobra não pode ver, ele teve que vê eu pelas costas, pra... ele teve que vê eu primeiro do que eu vê ele quando tava vindo da roça porque a cobra tinha mordido... **nós sofrimo na roça, nós sofrimo...**¹¹

Vemos que, nos recortes (2), (4), (4') e (5), o verbo sofrer e expressões sinônimas são utilizados em algumas passagens em que se nota um traço comum, marcam o fechamento do seu texto: “sofria muito, tadinho, sofreu muito na roça” (2); “...Ai guria, nós sofremo (4); “Ai foi uma luta...” (4’); “... nós sofrimo na roça, nós sofrimo...” (5). Nesta mesma linha, tomemos os fragmentos do recorte (5): “...o André tá com vinte anos e o Maurício também, mas os outros não tem nenhum que nós nunca pudemo dar estudo pra eles, então hoje sofrem. Tem quatro filho ali de pedreiro sofrendo também na mesma conta. Que a família deles já tão sofrendo igual nós sofremo.... é servente de pedreiro que que vai dar. Não dar nada...”. Observemos que o verbo sofrer é aplicado no presente do indicativo e associado à marcação de tempo hoje, que tem o mesmo aspecto

¹⁰ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).

¹¹ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).



de continuidade do verbo sofrendo no gerúndio. A característica de sofredor não só é aplicada ao homem do campo, mas também ao homem que não consegue progredir financeiramente. Matilde deixa claro que esta realidade não faz mais parte de sua vida, ela deixou de ser sofredora, ao afirmar que “a família deles já tão sofrendo igual nós sofremo”, sofrimento que passou.

Apesar disso, algumas passagens marcam positivamente a vida no campo. Observemos os seguintes recortes:

(5^o) Eu digo, olha Torres, eu criei meus filho com leite, com **coisas gostosa**, e **as batata o aipim, muita rosca, a gente fazia rosca, fazia biju, fazia tapioca**. Meu Deus, assim, muito leite, né, hoje em dia, tão criando essas criança com essas coisas, né. Mas **no meu tempo, meus filho era tudo forte**...graças a Deus...¹²

(6^o)[...]...mas só que se fosse uma coisa, dissesse assim, volta pro sítio, eu ia voltá de novo. Gosto muito da minha terra, e se não fosse os inventário aqui, que ta dando trabalho pra fazê esse inventário, que é muito caro, eu ia vendê minha morada e ia pra São João de volta.¹³

(7) Ah, eu sinto. Eu sinto falta de... ah de ter um porquinho, um vaquinha. Eu tô velha, mas ainda to forte pra trabalha. Olha, eu capino esses morro aí. Mas eu tenho muita saudade. Minha filha diz: é louca, mãe. Mãe, compra um sítio pra... com bastante laranja, bastante fruta... aí, sábado nós vamos pra lá tudo. Digo: ah, vocês querem é isso.... **Nós tinha um rio que passava atrás**, guria, quando dava chuva **nós fazia aquele “jiqui”**, aquela boca bem grande e atrás ficava fininho, então, o peixe entrava ali e lá não escapava. Aí quando dava aquelas chuva e lá enchia. Então **dava aquelas tarairá**, né, os cará, vinham tudo pra boca do “jiqui”, aí, chegava de manhã, eles virava o “jiqui” tava cheinho de peixe, **ah que coisa mais deliciosa, aqueles camarãozinho da água... muito lindo**, meu Deus,...a gente tem saudade, mas a nossa vida é que nem vento, passa, o dia a dia, a nossa vida é que nem vento, hoje eu to conversando contigo, amanhã já não ta mais, já passou, né. Já passou, que é um vento... acho que a gente tem que vivê o dia a dia, né? Porque amanhã é amanhã e o ontem já passou.¹⁴

(8) Olha, eu... quando eu tava no sítio eu queria vir pra aqui, mas aqui, pros aposentado já deu pra bola. Eu costuro, eu costurava e ainda costuro assim, né, mas, as coisas assim não tem mais valor, o que é manual, a gente faz as coisas manual e quando vai vender não tem mais valor... então eu gostava mais no sítio... **mas agora não tem mais aquele sítio como nós tinha**, sítio agora ta... **eu queria aquele sítio com nossos engenho de farinha, nossos engenho de cana de açúcar**, né, **mas agora aquilo não tem mais**, então agora, vou ter que ficar aqui mesmo.¹⁵

Outra marcação interessante é o uso dos referentes eu e nós no discurso de Matilde. Grande parte das marcações do enunciador coletivo aparecem associadas à marcação de lugar na roça, na lavoura: “... nós trabalhava na farinha. Uma época nós fizemo seiscentos saco de farinha. Levamo seis meses para consegui fazê, foi uma... dos meus filho, meus quatro filho mais velho sofreram muito na roça” (2). “Mas eu

¹² Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).

¹³ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).

¹⁴ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).

¹⁵ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).



levantava duas horas da madrugada com o cantar do galo; o galo cantava e nós levantava duas horas da madrugada” (4): observemos neste fragmento que a mesma ideia aparece duas vezes, na primeira vez Matilde utiliza eu, mas refaz sua construção utilizando o enunciador coletivo. Quando seu discurso é marcado pelo advérbio hoje é o pronome eu quem aparece: “hoje, agora, eu fui pra Goiânia”; “Hoje meus filho me abraçam, todos eles né, muito carinho, eles me deram força pra viajar porque eu acho que eu mereço” (4’). Diferentemente da entrevista I, em que havia uma alternância no uso dos referentes eu e a gente, aqui a questão é o uso do nós e eu. Apesar dessa diferença, nota-se a semelhança pela preferência do uso do enunciador coletivo quando se refere ao campo e da posição individual da qual enuncia quando se refere à cidade, mostrando, mais uma vez, a característica do individualismo típico da realidade urbana.

É importante notar que, ao referir-se à vida na cidade, Matilde, em várias passagens, destaca sua viagem a Goiânia, e este episódio de sua vida está sempre associado ao eu e à valoração positiva: “hoje, hoje eu me sinto assim que tô na glória. É, depois de velha que eu vi voltar a ser as coisas bem fácil de trabalhar” (recorte 4); “Por isso é que eu digo, hoje, agora, eu fui pra Goiânia [...], então a mãe tem liberdade de ir agora e conhecer algum lugar” (recorte 4’); “ainda não fui pra Goiânia?! Mas, olha, meu Deus, aquela cidade... porque as minhas filha ainda tem eu assim, sou que nem criança, elas não me deixam assim parada, mãe isso, cuidado aí. Agora fui pra lá, me soltei, guria, aquela escada lá de Aparecida do Norte, a passarela, ele disse: Mãe, a mãe não teve medo de olhar pra baixo. Eu disse: Capaz, meu filho! Capaz...” (recorte 6); “a ah agora, quando eu fui viajar” (recorte 09).

Observemos agora o recorte (09):

(9) Não, os que ainda vêm de lá eles se admiram, menina, aqui. Eles dizem: Comadre Matilde tá bem, tá chique,.. eles dizem assim, né. Eles me conheceram lá no sítio como eu era, aí, ah agora, quando eu fui viajar, disseram: Mas, como que essa mulher vai pra lá... eles acharam ruim, meus cunhado, é...ainda ontem meu filho deu carona prum cunhado meu: Meu Deus, eu não acredito que a comadre Matilde foi viajar pra essa distância. Aí, meu filho: é, mas veio e foi que uma beleza. Mas eu acho muito engraçado.... eu pedi pra mulherada: e quanto custa minha passagem agora, minha passagem agora, pelo mínimo, eu só trouxe cem reais de volta, guardei doze milhão e novecentos. Ah, tu tá por cima da carne seca. Não, eu não to por cima da carne seca, eu to bem enforcada, mas eu vô paga a conta porque eu aproveitei. Esse foi um dinheiro bem aproveitado, não foi que nem o meu marido, sofreu doze ano, gastando, e esse meu filho ele bancava remédio de quinhentos reais pra ele, ele precisava de um remédio muito caro e esse meu filho bancou. Meu velho gastou tanto dinheiro com doença e eu gastei com a saúde, com a graça de Deus, né.... é mais eles se admiram muito de mim: Veio pra cidade, tá moderna. Não não tô moderna. A gente faz o que pode, né, mas não é por isso que a gente a casa da gente tá igual no sítio, né. No sítio é aquela vida triste né que a gente passava, mas é a vida de todos né...¹⁶

No recorte (9), predomina o uso dos verbos no presente do indicativo. Eles estão associados ao advérbio agora. Podemos ver que o verbo sofrer não é citado neste recorte; ao contrário, o sujeito fala de outra posição, modificado pela vida na cidade.

¹⁶ Matilde, entrevista concedida à pesquisadora (2010).



É possível notar várias passagens em que Matilde reproduz o discurso de outrem: “Comadre Matilde tá bem, tá chique”; “Ah, tu tá por cima da carne seca”; “Veio pra cidade, tá moderna”.

O uso do discurso direto é uma estratégia utilizada por Matilde em seu discurso em diversas passagens. Mas o que nos chama a atenção é o recorte (9), pois há claramente uma reconfiguração da posição do sujeito, marcada através das vozes trazidas pelo discurso direto: “os que ainda vêm de lá eles se admiram, menina, aqui. Eles dizem: Comadre Matilde tá bem, tá chique,... eles dizem assim, né. Eles me conheceram lá no sítio como eu era”. O verbo admirar-se atribui uma valoração positiva à posição que o sujeito ocupa hoje, em contraposição à valoração negativa de como o sujeito era e, portanto, não é mais: “No sítio é aquela vida triste né que a gente passava”.

Algumas observações a partir da análise da entrevista:

(a) Apesar de algumas passagens revelarem certa nostalgia e valoração positiva do campo, é recorrente a valoração negativa do campo como lugar de luta e sofrimento;

(b) No entanto, o sofrimento está associado não ao campo, mas à falta de instrução de quem vive no campo e, com ela, à falta de oportunidade de aumentar seu poder aquisitivo. Então, mesmo na cidade, esse sofrer pode ser encontrado em pessoas com baixa renda.

(c) O que se opõe são as posições do sujeito: no campo, marcada pelo nós e pelo verbo sofrer; na cidade, marcada pela eu e pela experiência positiva de viajar, vivida pelo sujeito do discurso a partir da melhora do poder aquisitivo.

(c) Ao abordar a nova posição do sujeito da cidade, a entrevistada utiliza-se da estratégia do discurso direto, representando as vozes de outrem.

(d) Os referentes eu e nós se intercalam para mapear a dispersão das diferentes posições do sujeito do discurso.

A análise da entrevista revelou a alteridade do sujeito, marcando suas diferentes posições, ora como homem do campo, ora da cidade. Segundo Orlandi, “o sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam” (2005, p. 20).

Esta fluidez nas posições do sujeito é constitutiva da identidade. Através da linguagem o sujeito se configura e reconfigura, à medida que vai mapeando suas experiências. Segundo Hall, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (1998, p. 13). Então, estamos em constante processo de construção, no curso do qual nos constituímos, produzimos discurso, nos alteramos com o outro, instauramos uma historicidade e marcamos nossa heterogeneidade, que não é característica só do migrante, mas do homem moderno, pois, na era moderna, a aceleração no ritmo de mudança é cada vez maior. A tecnologia é o maior referente desta característica da modernidade. Uma enorme gama de segmentos a segue de perto.

O processo de mudança da sociedade moderna conhecida por “globalização” tem impacto sobre a identidade cultural: “conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra” (GIDDENS, 1991, p. 16). O que era longe, de difícil acesso, agora



está perto e acessível. As relações sociais se perpetuam a distância, enquanto que a efemeridade das conexões sociais estabelecidas em circunstâncias de co-presença são cada vez mais frequentes. É o que Giddens (1991) chamou de desencaixe e reencaixe.

Esse desencaixe suscitou a necessidade de o homem do campo migrar para a cidade e essa experiência modificou seu modo de ser. Assim também há um sentimento de desencaixe característico do homem moderno. Sempre estamos à procura de um lugar onde possamos nos encaixar. A sociedade moderna modificou o ambiente humano e suas relações sociais, mas é necessário focar em um ponto de modificação: o lugar. Nota-se que o lugar deixa de ser um ambiente de confiança para o homem moderno, deixando um sentimento de risco, reflexo da modernidade e da separação do espaço e o lugar. Apesar de sentimentos de ligação íntima ou identificação com lugares ainda persistirem, esses sentimentos estão desencaixados, utilizando a denominação de Giddens (1991), não expressam apenas práticas e envolvimento localmente baseados, mas se encontram também salpicados de influências muito mais distantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da identidade, levantada por diversos sociólogos e filósofos, foi abordada na tentativa de desenhar e esclarecer o que deva ser identidade. Todos os estudiosos consultados foram unânimes em um aspecto: a identidade é fluida. O homem está em constante transformação, portanto sua identidade está em constante processo, sua construção assumiu forma de uma experimentação infundável. É certo que o homem é um ser social e, como tal, sua identidade é construída em oposição ou não ao outro. Pertencer a um grupo social, identificar-se com outras pessoas provêm do anseio por segurança. Contudo, essa segurança está cada vez mais tênue, devido às consequências que a modernidade trouxe, o descentramento dessa identidade e o sentimento de não-pertencimento está na ordem do dia.

Entre os pontos antagônicos que a modernidade suscita, dois se destacam: o campo e a cidade. Lugar em que as tradições são mais duradouras, lugar da inocência bucólica e das relações sociais mais estáveis, o campo influencia o modo de ser daquele que o habita. O mesmo se dá na cidade, lugar da efemeridade trazida pelo avanço tecnológico.

Como vimos, é possível rastrear no discurso os momentos e movimentos de identificação através de uma análise que busca capturar fios da tessitura do sujeito na linguagem. Partimos das regularidades e irregularidades presentes nos discursos que apontaram para as seguintes constatações:

- a) A dicotomia que se pressupõe entre campo e cidade não se sustenta. Essa natureza antagônica mostrou-se pequena, incerta. A pesquisa apontou outra dicotomia: as experiências negativas e positivas vividas pelo sujeito.
- b) A idealização do campo que aparece na entrevista é ressignificada pelas experiências negativas. O sujeito do campo não se inscreve em oposição ao sujeito da cidade na materialidade da língua nas entrevistas. Tanto o campo



quanto a cidade são lugares em que se experimentam angústias vividas pelo mesmo sujeito.

- c) As experiências positivas estão relacionadas à cidade e às oportunidades que a cidade oferece: maior instrução, melhora de vida. Nesses casos, a posição de sujeito muda em relação ao sujeito do campo.
- d) As experiências são marcadas no discurso por regularidades linguísticas. Elas ressignificam as posições do sujeito, explicitando a fluidez constitutiva da identidade e a heterogeneidade subjetiva. As marcas linguísticas revelaram um sujeito cindido, não único, fluido. Esses aspectos são próprios da identidade. Assim, pudemos delinear o deslocamento experimentado pelo sujeito migrante como exemplo de descentramento que é próprio do sujeito moderno.

A mesma relação que o migrante tem com o lugar, sua terra natal e sua nova terra, o homem moderno experimenta através dos efeitos da efemeridade trazida pela separação do espaço e o lugar da era moderna. Seu sentimento de pertencimento e segurança está cada vez mais se desfazendo. Por tudo isso, hoje, podemos nos sentir migrantes em nossa própria cidade. Já não nos reconhecemos como cidadãos natos, há diferenças gritantes no modo de ser das pessoas em diferentes bairros. Precisamos sempre estar modificando nosso modo de ser para nos adaptarmos a diferentes contextos nos quais fomos inseridos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.M. Estética da criação verbal. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2003.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro. Zahar, 2001.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de Linguística geral I*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes: UNICAMP, 1995.
- _____. *Problemas de Linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- QUEIROZ, Maria I. P. de. *Dialética do rural e do urbano: Exemplos brasileiros*. In BLAY, Eva Alterman (org.). *A Luta pelo espaço: textos de sociologia urbana*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BRANDAO, Helena. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1991.
- SCHERER, A. E et al. *Palavras de intervalo no decorrer da vida ou por uma política imaginária da identidade e da linguagem*. In: CORACINI, Maria Jose Rodrigues Faria. *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: UNICAMP, Chapecó: ARGOS, 2003.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MAHEIRIE, Kátia. *Constituição do sujeito, subjetividade e identidade*. Revista Interações. São Paulo, v 7, n. 13, jun. 2002. Disponível em: [http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=1808-3646/2002/007/013/001) >acesso em 24/10/2010.



ORLANDI, Eni Pucinelli. *Discurso & leitura*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4 ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. *Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo: Cortez, 1989.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Abstract: *Modernity forced people who lived in the country moving to cities in a search for a better life. The person who migrates experiments new relations with their origin place and with the future place. This paper discusses the uncetering of the identity, which is inherent of the modern person and its relation with the place, through the descriptive analysis of the linguistics markers presents in the speech. This paper will present the result of an interview with a migrant from the country, attracted by the increasing job offer due to the city industrialization. The method used was the discourse Analysis. The results of this research show a person that resignifies the place and self resignifies, by mapping its experiences in the city life and in the country.*

Keywords: *Modernity. Language. Migration. Self referential.*